O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjeneres

ANNO II — N. 9 | Rio de Janeiro, 1 de Maio de 1917 | REDAÇÃO Rua do Senado 215—217 Telefone Central 1499

A TRAJEDIA DE CHICAGO

Primeiro de Maio

Salve 1. de maio, data glorioza em que o proletariado pela primeira vez manifestou praticamente no terreno economico da luta social, o poder da sua ação intelijentemente orientada nos principios revolucionarios surjidos no seio da Internacional Operaria, e no terreno moral definiu em linguajem clara e convincente os seus sentimentos altamente humanos, proclamando as suas aspirações sublimes de justiça e liberdade, como anunciando uma nova éra de paz e felicidade universais. em substituição ao deshumano sistema social capitalista' que peza esmagadoramente, com toda a sua avalanche de injustiças legalizadas, sobre os hombros da familia proletaria !

Os produtores de todas as riquezas ezistentes sobre a terra, aos quais a sociedade burgueza lhes nega o direito de participar do consumo dos produtos que o poder dos seus braços e dos seus cerebros acumulou, nesse dia historico, de gratas e inolvidaveis recordações, rezolveram decer das altas rejiões teoricas das diversas correntes filozoficas do socialismo, com os conhecimentos adquiridos no estudo do sociolojia, ao terreno pratico da luta pelo direito á vida, direito que não deve ser concedido por nenhum ente julgado superior, e sim tomado por todos e cada um de nós, na medida das necessidades fiziolojicas impostas pela natureza.

A arma escolhida pelo proletariado, para arrancar das mãos ferreas da burguezia um pouco mais de bem estar, foi a gréve geral. Ela estourou aterrorizante aos olhos atonitos da burguezia americana, que alarmada com a atitude inesperada dos milhares de famintos que ela trazia e traz ainda hoje sob o guante da sua escravidão, intranquilizou-se ao prezenciar o dezenrolar dos acontecementos, pensando, talvez, que houvesse chegado a hora por nós tão dezejada da queda fragoroza dos seus privilejios.

Certamente que todos os companheiros que se intressem pela questão social estão mais ou menos ao par dos acontecimentos dezenrolados nos Estados Unidos da America do Norte, em 1· de maio de 1886, e que teve como epilogo trajico o crime hediondo praticado pelo governo daquele paiz, que alardeia ser o mais liberal do mundo, contra oito trabalhadores dos mais ativos que, inocentes, foram pelos verdugos de Estado arrancados violentatamente ao carinho das familias para leva-los ao cadafalso erguido na cidade de Chicago a 11 de novembro de 1887.

Comtudo isso não nos priva do fazermos aqui um pequeno rezumo historico dos sucessos quo motivaram a consagração do 1· de maio pelo proletariado organizado sob os auspicios da Internacional, como um protesto vibrante, por meio da gréve geral, contra o assassinato legal praticado pela burguezia americana no apojeu febril da sua loucura.

Naquela época, o dezenvolvimento industrial dos Estados Unidos tomára um incremento assombrozo, e, como era de esperar, não demorou em refletir esse fenomeno no seio do proletoriado, suscitando uma verdadeira revolução intelectual em face da questão social

O progresso industrial dos Estados Uuidos coincidira com a época em que os governos europeus estavam ezercendo uma pressão sistematica sobre os militantes do socialismo e do comunisno anarquico. Muitos propagandistas, cançados de sofrer as violencias governamentais, emigraram para a America, a procura de um campo mais livre e mais acessivel á difuzão das idéas. Os arautos das grandezas da America do Norte, na Europa, faziam com grande alarde e numa linguajem falacioza e colorida a apolojia das suas incomporaveis liberdades.

Ora, a perepetiva de facilidade de colocação nas industrias da *livre* Republica, e um quadro tão majistralmente pintado das suas grandezas e liberdades, animava aqueles que continuamente viviam perseguidos pelo corpo de policias secretas internacionais (especialmente creado para perseguir os militantes operarios), e partiam com destino ao novo mundo com esperança de melhor estar futuro.

O proletariado que vivia nos E. Unidos já por diversas havia demonstrado o seu espirito de combatividade em alguns movimentos grevistas efetuado em pról das 10 horas. Foi lá que o proletariado deu o primeiro passo no caminho da emancipação social.

De 1870 — quando foram conhecidos os primeiros sinais da Internacional, com a organização dos trabalhadores alemães — a 1876, foi um periodo de permanente efervescencia das forças proletarias.

Em 1880, foi fundada uma poderoza organização que recebeu o nome de «Federação dos Trabalhadores dos Estados Unidos e Canadá» afim de congregar o proletariado em volta de uma unica bandeira, porta voz de um ideal comum.

Na primeira das suas grandes reuniões realizadas em Chicago, em outubro de 1884 foi deliberado declarar-se a gréve geral pela conquista das 8 horas de trabalho em 1· de maio de 1886.

A data estipulada para a declaração da géve geral foi precedida de uma intensa propaganda intelijentemente organizada pelos militantes mais ativos da organização operaria. Primeiramente surjiram algumas discordancias dos militantes anarquistas, que não estavam de acordo com a gréve geral, mas felizmente o dezacordo não se prolongou por muito tempo, compreendendo logo todos os trabalhadores a necessidade imperioza de, num rasgo de heroismo, darem as suas preciozas vidas pela sua cauza.

A propaganda em favor da gréve assumiu uma tal intensidade que, mesmo antes de ter chegado o momento da luta, muitas classes já haviam conseguido as 8 horas de trabalho.

Chegado o dia 1· de maio, em todas as grandes cidades americanas paralizam-se as industrias, fecham-se as fabricas e as oficinas, o tranzito de veiculõs cessa por completo, e milhares de operarios percorem as ruas das cidades reclamando o seu direito á vida. A burguezia treme espavorida ante o clamor das sua vitimas e refujia-se nos seus palacios, deixando o povo, a «canalha», entregue á policia embalada.

Os conflitos entre os operarios e os guardas da burguezia sucedem-se.

A 4 de maio é convocado um comicio em Haymarket afim de protestar contra as violencias praticadas pela policia nas ruas de Chicago. Milhares de operarios se reuniram em Haymarket numa impressionante manifestação de solidariedade com as vitimas da violencia organizada. Inesperadamenre avança precipitada uma numeroza força de policia sobre aquele formigueiro humano no intuito vizivel de dissolver a pacifica reunião.

«Quando o ataque estava eminente da parte da policia, cruza o espaço um corpo luminoso, que caindo entre a primeira e a segunda companhia produziu estouro formidavel.»

Uma bomba fora lançada por mão ignorada no meio da força policial.

Estabelece-se o tumulto. A policia atira sobre o povo e este responde-lhe com as mesmas armas.

Qual o fim almejado pelos que combinaram o atentado com infernal e perverso sangue frio?

E' que as cabeças dos militantes das novas idéas estavam de antemão compradas ao Estado pela burguezia; era necessario arquitetar um plano maquiavelico afim de consumar o crime. Ato continuo, a policia prende Augusto Spies, Michael Schwab, Samuel Fieldem, Adolfo Fischer, Georg Engel, Luiz Ling, Oscar W. Neebe, Rodolfo Schmaubelt, William Seliger, este ultimo vendido covardemente á policia, e levou-os á barra de um tribunal.

O CRIME

Era chegado o momento de extrema gravidade para os militantes mais ativos na propaganda dos principios socialistas.

Os esbirros da burguezia, supostos mantenedores da ordem social, tinham finalmente conseguido o intento.

Os seus planos infames de arbitrarias perseguições eram urdidos calmamente, metodicamente, de parceria com a imprensa mercenaria, que em linguajem violenta pedia em altas vozes a pena de morte para os 8 camaradas caidos nas garras de um tribunal vendido. Havia chegado o momento decizivo para o proletariado afirmar, como classe explorada, o seu direito á vida, perante uma outra classe exploradora, senhora de todos os gozos e regalias.

Impunha-se a necessidade de definir bem claramente o antagonismo de interesses ezistente entre as duas classes em que esta divida a sociedade capitalista, afim de congregar as forças proletarias, que dispersas, ainda viviam izolados da organização obreira.

O proletariado estava de fato, em face do momento mais culminante da sua historia. Estava iniciada uma luta titanica, sem quartel, que só terá fim no dia em que a sociedade burgueza ruir sob a pressão sistematica dos elementos que aspiram um melhor estar de vida para a humanidade.

A burguezia, alarmada, corre precipitada sobre os supostos responsaveis pelos acontecimentos, que ameaçavam ceriamente os seus previlejios de casta parazitaria, e preza de um momentaneo estado de loucura, condena, a morte 7 trabalhadores inocentes e um a 15 anos de prezidio.

O proletariado universal ao ter conhecimento do rezultado da comedia reprezentada nos tribunais de Chicago, ergue-se unanimente, num gesto altivo de solidariedade, protestando junto ao governo dos Estados Unidos contra o seu infame proposito de tentar assasinar oito homens pelo simples fato de serem socialistas anarquistas.

O governo norte americano, genuino defensor de todas as castas previlejiadas. como todos os governos, cedeu momentaneamente ás ameaças do proletariado universal, principalmente do Inglez, e não consumou o fato.

Entretanto os condenados ficam internados nas prizões de Chicago, esperando as rezoluções dos altos majistrados da *justiça*.

O tempo corre e o proletariado distrai-se do assunto, dando lugar a que o governo americano realizasse o seu intento.

Em 11 de Novembro de 1887 sete homens inocentes são enforcados na cidade de Chicado. Os defensores da ordem social burgueza, podiam dormir descansados porque o socialismo e o anarquismo tinham sido enforcados.

Era a anarquia e o socialismo que os majistrados americanos pretendiam assasinar.

Aqueles oito homens levados á barra do tribunal eram inocentes mas «eram anarquistas, e como tais, com eles morria a anarquia».

Essa hipoteze absurda feita pelos homens da justiça americana, ficou cabalmente destruida pelas vitimas no mesmo tribunal que os condenou a morte, no momento de ser conhecida a sentença dos jurados, nos veementes discursos por eles pronunciados.

Eles tomaram a si o encargo de explicar perante o tribunal os fenomenos sociais que por determinismo naquela data grandioza colocava a classe proletaria frente a frente com a classe capitalista.

Eles disseram bem alto aos ouvidos dos tiranos do povo, que nos Estados Unidos, a 1· de maio tinha sido iniciada uma luta, que não terminará no mundo emquanto não for abolida a escravidão economica, o salariato e a propriedade privada.

E aqui terminamos o nosso modesto rezumo de uma data memoravel, com as palavras de Bovio:

«Anarquico é o pensamento, e a caminho da anarquia vai a historia.»

R. Rodrigues Martins.

UM GESTO QUE JÁ TARDA...

Sobre as ruinas civilização moderna o proletariado prepara-se para erguer a sociedade ideal de jurtiça e amor

Impéra Marte!

Continúa a gigantesca guerra como se defendesse o mais sagrado direito que reverteria para esta humanidade infeliz, tão cheia de preconceitos estupidos, que a traz preza aos grilhões da sociedade obtuza, formada de uma hierarquia criminoza, onde impera o culto da incompetencia em todas as suas fórmaa multiplas; sociedadade sem raciocinio, onde os homens se devoram uns aos outros em holocausto do que?!

Se agarrarmos um dos milhões de combatentes, e lhe perguntarmos qual o ideal por que se bate — ele, ignorante da extenção dos seus crimes, nos responderá com um absurdo muito lonje da verdade.

E os campos da Europa jazem banhados de sangue de milhões de homens, que constituiam a mocidade sã, atleta e vigoroza das nações em luta. Um manto tristissimo de grande extensão, paira sobre o mundo conflagrado...

Milhões de braços sacriligamente destroem as obras dos seculos passados. Os guerreiros num momento de reflexão, se arrependeriam da sua obra de destruição. A enormidade dos fatos barbaros que tem revelado esta guerra, nos dá a prova de nosso instinto, selvajem, indomavel, da nossa refinada crueldade.

Não escrevo para burocratas, nem para a burguezia satisfeita, que, de lapis em punho, joga com a ciencia dos numeros, para arrancar um calculo certo, que irá enchendo as suas arcas muito honradamente... a custa da plebe embrutecida, que tudo produz em superfluo, para depois adquirir o que necessita para a sua ezistencia, com dificuldade.

Nós, os trabalhadores, não devemos nem lucramos ser patriotas, não devemos ter paixões partidarias pelos paizes em luta, mas sim, devemos fazer um juizo breve e acertado do que é a guerra em si, para o trabalhador.

Os milhões de trabalhadores que em tempo de paz, se dedicavam a fazer os artigos de primeira necessidade, artigos de luxo, etc., etc. onde os vemos hoje? Completamente divididos em facções guerreiras, a matarem-se uns aos outros sem a menor compreensão dos seus atos.

Os mandantes destes crimes, ainda não satisfeitos, impulsionam os paizes neutros á luta com conceções ou falsas promessas.

Os demagogos em todos os paizes não faltam, para fazer soar a corda mais sensivel das massas ignorantes: o patriotismo! E em nome desta falsa concepção, os trabalhadores empunham as armas, e vão combater os seus irmãos ao mando dos seus tiranos.

No entanto todos os trabalhadores curtem a mesma dor, são iguais as suas infelicidades, são explorados na mesma fórma. em toda a parte da terra...

Que falta de reflexão!

Dia virá, que não mais se ouvirá o troar da metralha vomitando a morte!

Será a paz.

Reinará um silencio sepulcral, um silencidas necropoles... Mas, uns ruidos se farão ouvir: é o tilintar das taças de cristais, brindando á paz, é a alegria franca dos governantes nos banquetes e festas, tudo em honra da paz.

No entanto, em cada caza de trabalhador, ha o luto, ha a dor sincera daqueles que morreram por fetichismo, por ignorancia, um soluçar continuo dos ficaram na mizeria, e que na mizeria ficarão, amaldiçoando a guerra que lhes trousse o luto e a dor.

Maldita governança que ordena tamanhos crimes! Infeliz humanidade que se submete tão humildemementes ao governantes que atravessam a vida em gozo perene; para eles a dor alheia lhes é indiferente...

Bandidos! Bandidos! Bandidos!

Amanhã o mestre escola meterá nas cabecinhas das crianças que sua patria é bela, é heroica e grande. Que é necessario defende-la de seus inimigos (se inimigos podem ser as outras crianças das outras facções, que são educadas pelos mesmos metodos) que devemos amar a patria acima detudo. Incutem-lhes uma relijião qualquer, que as farão misticas, relijiões que têm por principal escopo, fazer de cada crente um passivo a todos os caprichos de uma serie hierarquica... pernicioza.

E assim se preparam as gerações, que se sucedem umas ás outras. Gerações morbidas, doentias, sem enerjia, incapazes dos grandes feitos, de se libertarem dos preconceitos que que as prejudicam profundamente.

E' necessario fazer vibrar os nervos desta sociedadade infame que divide os homens. E' necessario nivelar-se os direitos de cada um. E' necessario que o homem viva livre sobre a terra livre!

Muito Bem!

Emquanto o governo, servindo aos interesses capitalistas, cauzadores da luta que ensanguenta o mundo, encontrava nas ruas desta capital a solidariedade da sociedade burgueza, o operariado livre e conciente procurava fazer ouvir o seu protesto, com palavras e gestos bem significativos.

Ao passo que as bandeiras das nações aliadas nesta guerra de interesses passeavam em charóla pelas ruas e praças ao som de hinos belicos, o trabalhador que outra couza não vê na ezistencia senão o amor á humanidade, corria arriscando a vida, para essas praças num heroico movimento de repulsa.

Na alma dos que, cá de fóra, embora lonje do teatro das lutas operarias, tal couza assistiam, ia se operando um emocionante transporte porque afinal a atitude dos pensadores ia calando fundo.

Justo é que nesta coluna fique bem nitida a impressão que nos deixou o operarariado organizado—a vitima inocente de todo esse dezenrolar de acontecimentos dolorozos para os quais ele não concorreu.

E' natural que fique aqui bem patente a nossa admiração por vermos que neste pedaço do mundo os homens que alimentam com o seu sangue a fantasmagoria dos graúdos se erguerem sombranceiros contra a barbaria que é a guerra entre os povos.

Quando outro valor não tenha a atitude assumida pelos trabalhadores, provado ficou que os produtores de tudo quanto gozamos vão, felizmente, traçando a senda dezejada, conciente do ideal que tanto os anima e dignifica.

Orestes Barboza.

(Da Associação Brazileira de Imprensa)

A NOSSA GUERRA

A comemoração do 1· de maio deve ser feita este ano com o mais altivo e enerjico protesto contra a maldita conflagração européa e contra os governantes deste paiz que pretendem conduzir o povo ao mais cruel e feroz morticinio.

Todos os individuos de intelijencia esclarecida e de bons sentimentos devem vir hoje á praça publica lançar o seu veemente protesto contra a corja de patifes que querem levar o povo á infernal chacina.

Os trabalhadores, vitimas de todos os potentados, não têm por emquanto uma patria a defender. Os proletarios aqui nacidos são explorados igualmente como quaisquer outros vindos de outros paizes. Os capitalistas não se preocupam com a nacionalidade dos seus explorados, a todos exploram da mesma fórma o trabalho fecundo e ezuberante. Para a guerra que vá toda a cambada de parazitas e de fanfarrões patrioteiros que muito gritam... mas deixem o povo socegado.

Nós tambem pretedenmos fazer a «nossa» guerra, para a qual nos estamos preparando e dispostos a queimar o ultimo cartucho pelo seu heroico triunfo. Mas a que nós queremos é diferente desta. A nossa é contra a sociedade burgueza. A nossa é pela expropriação.

Joly.

Abaixo, pois, as tiranias que degradam o homens!

Viva a liberdade perene e igualitaria!

Viva Anarquia ideal que redimirá esta humanidade corroida pelos preconceitos absurdos.

A guerra é o exterminio, é o estrago, é o massacre, é a roubo, arrastando atraz de si a peste e a fome, é o imperio da morte! Guerra pois á guerra! Viva a vida nos seus explendores sãos — viva a ANARQUIA, ideal redentor de toda a humadidade sofredora e expoliada.!

Necessario é pois, prepararmo-nos para a Revolução das Revoluções que hade desmoronar a sociedade abastardada pelos senhores da terra.

Viva a terra livre!

Viva a anarquia!

Albino Dias.

IMAGINATIVAS

Amante e devotado da leitura, como todo o operario emanccipado, que procura nos livros a luz que ha de guia-lo na senda da sua liberdade, não me posso furtar ao ensejo, logo que sáio da labuta quotidiana do trabalho, de consagrar-me afavelmente aos ensinamentos filosoficos dos grandes mestres, dos grandes vulgarizadores cientistas e moralistas Foi numa destas noites passadas, que, lendo a precioza obra de Emilio Bossi, «Cristo nunca Ezistiu», uma profunda sonolencia se apoderou de mim, produzida, sem duvida, pelo ambiente pezado e ofegante que reina neste paiz tropical, e, como se fosse uma pomba mensajeira, transporto-me na suas azas ao reino de Morfeu...

Sonhei então que me achava em um paiz extranho,delicioso... A natureza do solo oferecia um aspéto fertil e ezuberante. Planicies imensas, até perderem-se de vista, estendiam-se para o horizonte, surcadas por rios encantadores e monotonos, marjeados de arbustos ezoticos, duma verdejante e rara folhajem.

Vagando á mercê da fantazia, achava-me dentro dum lindo aéroplano pilotado por uma formoza joven de uma beleza rara e incomparavel... O aparelho, com uma velocidade verdadeiramente fantastica. deslocava o espaço como um passaro...

Subito, como um enorme matagal de lanças, descobri uma intensa cidade, de torres lindas e agudas como flechas...

Era a grande cidade da «promissão», que se erguia tranquila no reino da felicidade... Subito o aparelho, ezecutando uma destra manobra em espiral, fez a «atterrissaje» naquele rizonho e misteriozo solo, cujos habitantes eram duma fizionómia bela, duma cultura adoravel...

A estética da cidade era soberba... Não ezistiam cazebres velhos, anti-hijienicos, senão amplos e confortaveis palacios que atestavam a mais valioza arte... Depozitos imensos, abarrotados de produtos, achavam-se com profuzão por toda a parte onde o povo, aquele povo alegre e satisfeito, ia e vinha em continuo movimento, a efetuar o abastecimento de produtos mediante «vales» rejistrados pela Comuna, na mais alegre comunhão de idéas.

Da mesma fórma vastos e luxuozos «magasines» onde se ezibiam os mais finos e apurados trajes achavam-se em grande escala a dispozição do povo que se considerava igual perante as leis da natureza.

Em ves de egrejas erguiam-se soberbas portentosas bibliotes que guardavam no seu interior numerosas obras destinadas a difundir *conhecimentos* cientificos e filosoficos sem o menor assomo de interesse, pois que ninguem aspirava a cargos nem a proventos rendosos, sendo o ensino das ciencias e das artes gratuito para todos: o medico em ves de empregar a terapeutica em beneficio dos privilejiados, com menospreço dos desherdados da fortuna,tornava-se o verdadeiro redentor, o messias esperado, na sua alta missão de vivificar e consolar a humananidade sem distinção de classes. Em logar de quarteis, cadeias e outros estabelecimentos de crimes e de torturas, admiravam-se amplas e elegantes cátedras de ensino, nas quais verdadeiros e competentes pedagogos ministravam cordialmente os conhecimentos puros e racionais da ciencia, isentos do erro e dos prejuisos dogmaticos de setarismo, cujo unico desejo importava na compenetração sã dos direitos de cada individuo, e na interpretação da eréta justiça.

Não existia miseria. A ignorancia era quasi desconhecida, reinando por toda a parte a alegria e o bem estar, porque o interesse, unico gerador das discordias humanas, havia deeaparecido para dar logar á fraternidade e ao amor que reinavam soberamente entre os homens.

Suspenso ainda nas minhas divagações fantasistas do sonho, ajitavam-me comoções de alegria, duma alegria, sonhada como propriamente se diz, e queme fasia balouçar no imenso oceano da mais harmoniosa felicidade...

Já não existia mais o ambiente pesado e asfixiante. Morfeu havia transformado num instante as condições climaaterica, para disputar então um puro e delioeo ambiente, em harmonia com aquele paiz tão risonho e tão feliz...

De continuo via maravilhas e obras estupendas: maquinas enjenhosas, empregadas em todos os trabalhos, multidão de invenções em todos os ramos da atividade humana, tornando assim o trabalho agradavel á humanidade... A produção só era elevada em produção ao consumo, conforme as necessidades sociais...

As ciencias, as artes e as industrias haviam alcançado um desenvolvimento assombroso, estupendo. Inumeras fabricas e oficinas funcionavam na elaboração de todos os utencilios e produtos destinados ao povo. Soberbas e gigantescas locomotivas circulavam nas estradas de rodajem, fazendo o intercambio de produtos com os trabalhadores de outros paizes,

Aéronaves monstruosas cruzavam o espaço em continuo vai-vem, efetuando os transportes dum continente ao outro na mais estupenda missão de solidariedade humana. O trabalho, enfim, era executado todo com maquinismo, tornando-se agradavel e recreativo aos trabalhadores, em vez de mortifero e extenuante.

Os produtos elaborados eram destinados aos grandes depositos comuns, cujos proprietarios eram os trabalhadores, desconhecendo-se os senhores, bem como os titulos de propriedade «privada», os direitos de acessão e os privilejios ominosos. Não existia governo hierarquico nem autoridades, governando-se o povo pelo livre acôrdo.

Reis, presidentes, ministros, juizes, advogados e demais coorte de parasitas e exploradores da humanidade haviam desaparecido, já de longa data, assinalando-se na historia a sua existencia como a mais funesta ao bem da humanidade...

A «Constituição» resumia-se numa unica fórma que harmonisava os interesses gerais, e respeitaveis e sagrados direitos, a qual era: «a cada um segundo as suas necessidades e de cada um segundo as su as forças»

A minha impressão era encantadora, deliciosa, não havendo frases que possam descrever a suma felicidade que experimentava...

Subito acordei, deparando-me então com a realidade desta vida, em doloroso contraste com aquela que acabava de contemplar através da fantazia... Quiz continuar a minha leitura, mas a saudade profunda, sublime, daquele sonho, determinava-me o aborrecimento, fisico.

Abri então a porta e fui procurar na brisa suave da noite a extinção da minha magoa profunda...

M. Esteves

As vitimas ante o Tribunal

Como prova da firmeza de convicções e do incomparavel espirito de estoicismo dos martires transcrevemos aqui os trechos mais im*portantes dos seus discursos.*

Spies diz—«Ao dirijir-me a este tribunal, faço-o como reprezentante de uma classe em frente de individuos de outra classe inimiga, e começarei com as mesmas palavras que um personajem veneziano começou ha cinco seculos perante o Conselho dos Dez, em ocazião semelhante: «A minha defeza é a vossa acuzação; meus pretendidos crimes são a vossa historia.»

Ao terminar o seu vibrante discurso, de uma critica mordaz contra a sociedade burgueza. anatematizou os seus defensores com as seguintes palavras: «Salve, tempo em que o nosso silencio, sera' mais poderozo do que nossas vozes hoje sufocadas com a morte! Fiz um esposição clara das minhas «idéas». Elas constituem uma parte do meu ser. Não posso precindir delas embora queira. E si por ventura pensais que tendes aniquilado estas idéas, que ganham terreno de dia para dia, mandando-nos a forca; si uma vez mais aplicais a pena de morte por atrevermos a dizer a verdade—e vos dezafiamos que demonstreis que mentimos alguma vez—eu vos digo, si a morte é a pena por vós imposta pelo crime de proclamar a verdade, estou disposto a pagal-a a tão caro preço. Enforcai-nos!

Oscar Neebe condenado a 15 anos de prezidio, depois de terminar o seu discurso, diz: «Pois bem; me entristece a idéa de que não me enforqueis, honrados juizes, porque é preferivel a morte rapida á morte lenta em que vivemos.

Tenho familia, tenho filhos, se porventura souberem que seu pai morreu o chorariam e recolheriam seu corpo para enterral-o. Eles poderiam vizitar a minha tumba mas não poderão em cazo contrario entrar no prezidio a ver um condenado por delito que não cometeu.

Eis ai tudo o que tenho a dizer:

Eu vos suplico. Deixai-me participar da sorte dos meus companheiros! Enforcai-me com eles!»

Que heroismo! Como sabem morrer os martires das grandes idéas.

Luiz Lingg—«Vos desprezo: desprezo a vossa ordem, vossas leis, vossa força e vossa autoridade. Enforcai-me!»

Parsons, que voluntariamente se aprezentou a policia de Chicago, ao terminar o seu longo discurso, que durou oito horas diz: «Somente te tenho que acrecentar: ainda neste momento não tenho de que arrepender-me!»

O valor, a altivez e o heroismo dos martires foi acompanhado até o ultimo momento pela solidariedade de suas familias.

A mãi de Lingg numa carta remetida no ultimo dia da sua sentença em prezidio dizia: «Eu tambem, como sabes tenho lutado duramente para ganhar pão para ti, para tua irmã e para mim mesma e é tão certo como neste momento me sinto com vida, que depois da tua morte estarei tão orgulhoza de ti como estive durante toda a tua vida.»

Declaro que se eu fosse homem, teria procedido da mesma fórma que tu».

A esposa de Parsons diz: «Se de mim depende que Parsons peça perdão, que o enforquem.»

Sera por ventura' possivel acreditar no aniquilamento de idéas tão sublimes, quando têm como propagandistas homens tão altivos?

Convença-se a burguezia que um ideal que contou com homens de tal tempera não se elimina com canhões. bayonetas nem forcas, e sim com o desaparecimento do sistema social burguez.

O amigo Méritarte

(Tradução especial para "O Cosmopolita)

O amigo Méritarte que via no homem um animal artistico, esforçava-se por criar uma arte culinaria, que satisfizesse não sómente o apetite e a gulodice, mas se dirijisse tambem á intelijencia, como fazem as outras artes.

Ha cerca de dois anos que, na sua pequena sala de jantar, de janelas para o pateo, num quinto andar da rua Nollet, saboreámos (eramos quatro, com ele) o emocionante espetáculo do seu primeiro drama comestivel.

* * *

As entradas, compostas de chouriço de Vire e de lombos de arenques de fumeiro, tinham uma aparencia sinistra, que nos confranjia o coração ao mesmo tempo que ativava o nosso apetite, e a funebre sopa de lentilhas, que apareceu a seguir, não deixava de nos inquietar no tocante á maneira como terminaria essa festa singular. Temia-se uma cena teatral. Pois efetuou-se sob a fórma dum pato á ruaneza, cujos nacos sangrentos que os convivas *devorantes se disputavam entre si*, produziram o efeito dramatico que se esperava. E quando, após uma lugubre salada Rachel, composta de batatas das mais amarelas e de trufas das mais negras, o amigo Méritarte, determinadamente, perturbou a nossa alma com as detonações dum grande numero de garrafas de champagne, a emoção tocou ao cume, e como não houve nem queijo nem sobremeza de especie nenhuma, mas sómente um pouco de café morno sem assucar, nós partimos num estado de malestar dificil de descrever, e a impressão que nos deixou este primeiro drama culinario jamais dezaparecerá das nossas memorias.

* * *

Algum tempo depois dessa sombria trajedia, o amigo Méritarte convidou-nos para um jantar de comedia. Houve primeiro uma sopa madrilena gelada, que provocou sorrizos. Mas toda a gente rebentou de rizo quando o nosso anfitrião nos informou sobre a orijem taurina das *criadillas* que se seguiram. As facecias se tornaram ainda mais esfuziantes em torno de uma cabeça de vitela, cuja bufoneria a tal ponto nos divertiu qud apenas deixámos a salsa com que fôra preparada. Um quarto de carneiro a sangrar não foi menos apreciado, pois o alho o que perfumava e o feijão de Soissons sobre o qual repouzava molemente nos pareceu um arranjo eminentemente comico. Enfim, nós nos rimos como corcundas, e o lindo vinho branco que nos propinava Méritarte favorecia a nossa alegria.

* * *

Mas o amigo Méritarte queria elevar a sua arte até ao lirismo. Uma tarde ele nos serviu uma sopa de aletria, ovos cozidos, uma salada de alface e de agrião e queijo com creme. Nós declarámos que isso era poezia sentimental e, despeitado, oamigo Méritar te afirmou que se elevaria a altura da ode. E na verdade, um mez mais tarde servia-nos um ensopado, com o qual a sua arte atinjia finalmente o sublime. Ele chegou mesmo a ensaiar a epopéa, com uma caldeirada cujo sabor mediterraneo nos fez evocar imediatamente os poemas de Homero.

* * *

Mas que sorpreza para nós quando o amigo Méritarte nos comunicou que se entregava então á filozofia e nos convidava a ser seus dicipulos na quinta-feira prossima. Fomos ezatos e pontuais, mas advinhava-se na nossa fizonomia que a metafizica dos fornos nos in*spirava pouca confiança.* Tinhamos razão, porque foi servido um prato de ossos de boi, cuja medula deu-nos um trabalhão a ser retirada; houve ainda cabeças de coelho, que tivemos de partir para chupar-lhes os miolhos; a respeito de sobremeza, servrram-se amendoas, nozes e, como era dia de Reis, um bolo cuja fava não se prestava a dezignar um monarca, mas evocava simplesmente a sabedoria pitagorica, no fim desse banquete filozofico.

Temiamos que o dezabuzado amigo Méritarte não se refujiasse numa especie de devoção, e nos impinjisse jantares misticos. Enganavamo-nos: Méritarte que se havia elevado até á epopéa deceu até ao romance e acabou por despozar a cozinheira, que era uma rapariga bonita. Tendo abandonado os fornos, a nova Mme. Méritarte, que se aborrecia com isso de nada ter que fazer, entregou-se á ocupação de enganar o marido. Este, durante algum tempo parecia ter renunciado á sua arte. Mas, um dia, ele decidiu dar um grande jantar satirico, para o qual convidou sómente os amantes da sua mulher.

Eramos uma dezena de pessoas, além de Méritarte e a mulher. O repasto foi o mais dramatico possivel: sopa funebre, carnes sangrentas, etc. Serviram-se cogumelos, que eu, nás sei porque acazo, abstive-me de comer. O prato era copiozo e toda a gente se regalou a fartar, menos eu que os deixei intactos. E não me arrependi, porque, no fim do jantar, os convivas, incluzive Méritarte, foram-se tornando palidos, queixando-se de dores espantozas. e morreram horas depois, todos, envenenados pelos cogumelos venenozos.

Assim, a satira do amigo Méritarte atinjiu verdadeiramente o fim em vista e matou aqueles que constituiam o objéto dela, incluzive ele proprio, que se sentia cançado de viver e que supunha ter esgotado todos os recursos da sua arte.

Por minha parte e por mais de uma vez, eu tenho tentado iniciar alguns cozinheiros nessa culinaria' sublime descoberta pelo amigo Méritarte, mas eles não me compreendem. Durante muito tempo ainda, tenho pensado, as tentativas artisticas desse homem de genio ficarão no olvido, sem continuadores. Entretanto nem todos os dominios dessa arte nova foram explorados e, de mim, tenho ficado sempre sorpreendido ao pensar que o amigo Méritarte não tivesse feito nenhuma tentativa no genero historico. E verdade que ele não era absolutamente um erudito, nem um sabio, mas antes de tudo um homem de imajinação, um poeta muito particularmente dotado para o genero satirico.

Guillaume Apolinaire

A QUINZENA

1· de MaiO—Os dois demagogos das Americas—Os estranjeiros

Não é intuito meu descrever os acontecimentos de 1886, em Chicago. Outros camaradas o farão com mais folego. No entanto, não deixarei de dizer que o 1· de Maio é uma data completamente nossa.

E' um dia de protesto, é um dia que lembra martirios de companheiros nossos, pelas reivindicações proletarias.

Luto e sangue...

E' o que lembra o 1· de maio.

Injustiças!

E injustamente foram sacrificados os camaradas de Chicago.

Luto e sangue --- injustiças... lembra vingança?!

1886 já vai lonje!

Vinguemos, pois, os martires de Chicago!

* * *

Neste transe cruel que atravessa a humanidade, salientam-se dois demagogos, um na America do Norte, o outro na America do Sul.

O do Norte é fiteiro.

O do Sul toma ares de mais serio, não sei se pela sua idade ou se para um fim colimado. O do Norte depois de deitar arenga, depois de fazer soar a corda mais sensivel dos seus concidãos---o sentimento patriotico --- os procura reunir em horda para combater os que ele consideram inimigos. O do Sul tem o verbo eloquente, majestozo como caudais que irrompem avassaladoras... O seu verbo, defendendo uma cauza sã, tocaria as raias do divino.

A imprensa mercenaria, tanto fez, tanto bateu numa tecla que o fez expoente mássimo da nação. Todos os seus compatriotas dizem-no o homem mais intelijente. No entanto muitissimos poucos o lêm, pois sua obra é longa e enfadonha... mas a imprensa mercenaria unanimemente o diz ezpoente massimo... e todos batem no peito.

Tudo se tem feito por ele, em reconhecimento do seu saber, por isso não será de exnhar o dia que a santissima Egreje Catolica o canonize, pois quando fala invoca o nome de Deus.

Não sei so tencionará organizar algum batalhão voluntario, como o seu comparsa do Norte. Sabemos que ele dezeja ver este paiz em guerra franca com o grupo das nações dos Imperios Centrais. Para isso o seu verbo se tem feito ouvir --- muitos aplaudem-no... se ha sinceridade nesses aplauzos... eu não garanto. Já um jornalista, fazendo a sua biografia, disse --- «Todos te aclamam mestre e pôucos são os teus dicipulos».

Que tem talento, isto é inegavel. Mas até hoje o seu talento tem servido unicamente em seu proveito.

E' considerado o homem que mai s fala no paiz. A sua obra é tão vasta e de tantos matizes, que seus inimigos politicos nas refregas partidarias argumentam com ela, contra ele.

O do Norto é bronco e fiteiro, é caçador de féras e outras coizas mais. E' o senhor Theodoro Roosevelt. O do sul, é advogado celebre no seu paiz. E' o senhor Ruy Barboza.

Ambos são perniciozos. De suas ações, só tem a perder a humanidade.

* * *

O sr. coronel Medeiros e Albuquerque, na sua colaboração diaria do vespertino «A Noite», comentou «A reprezentação operaria» que a Federação Operaria rezolveu enviar ao prezidente da Republica em favor da paz. S. Ex., não sei porque cargas d'agua, deixára aquele dia, uma sexta-feira, de continuar com a encrecação da geração do ministro do Exterior.

Isto foi o que eu pensei, quando passei os olhos pelo jornal em que S. Ex. colabora e verifiquei que a sua habitual seção falava de operarios.

Dispuz-me a ler. S. Ex. variava de assunto, o ministro já estava escalpelado a seu contento; já tinha provado aos leitores (se é que os tenha, eu não o sou, li-o porque falava de operarios, e S. Ex mudava de assunto) por a÷b que o ministro Lauro Müller é germafilo e não póde deixar de o ser, assim provou com o que o ministro disse, ha alguns anos, da Alemanha, que S. Ex. tinha nacido em Santa Catharina, que seus pais eram alemães, que seus avôs eram de 1870 e lhes tinham contado os feitos da guerra Franco-prussiana, e que o senhor ministro embeveceu-se com as historias contadas por seus avôs, portanto germanofilos. Portantonão póde ser o ministro das Relações Exteriores, não é do agrado do grupo das nações aliadas. E o prezidente da Republica parece que não lê os artigos do senhor coronel Medeiros, pois até hoje, ainda não demitiu o ministro que Medeiros provou com bastante lojica, ser germanofilo.

Não sei, se foi pelo mesmo metodo com que o coronel descobriu o germanofilismo do sr. Lauro Müller, que ele descobriu tambem que a Federação Operaria era uma associação de estranjeiros. Afirmando assim, foi como êle principiou o artigo de sexta-feira do dia 20 que enganou muita gente, pensando que S. Ex. tinha deixado o senhor Lauro Müller em paz.

S. Ex. entende que os operarios estranjeiros não podem se imiscuirem na politica internacional do Brazil; é uma afronta, diz ele. Os operarios estranjeiros só têm o direito de reclamar conjuntamente com os nacionais quando se tratar de conquitar melhorias no trabalho.

Pergunto eu, ao senhor Medeiros qual é mais perniciozo na questão do Brazil no conflito internacional? Será essa imprensa assalariada pelos Lafonts, essa imprensa estranjeira, que vinham diariamente ridicularizando a ação do senhor prezidente da Republica e do seu ministro do Exterior, com relação ao conflito internacional, para que se definisse por um dos grupos belijerantes, ou dos operarios que protestam contra a carnificina em geral sem distinção de patrias, sem côres partidarias, mas que protestam porque em cazo de guerra, serão eles as vitimas imediatas-eles os explorados em tempo de paz, eles os sacrificados em tempo de guerra, assim como estão sendo os seus companheiros na Europa.

Nós, os trabalhadores, somos como o Capital — não temos patria. Mas os estranjeiros têm o direito de se imiscuirem na politica internacional. Não se fala já na sua mobilização? Não será repatriado? Portanto implica nos seus direitos, quando eles se sentem bem aqui. Portanto é justa a sua intervenção.

Mas, o senhor Medeiros e Albuquerque, não perdeu tempo; ainda tinha que dizer do ministro, e aqui eu ponho duvida se S. Ex. teria escrito para falar de estranjeiros, ou se para atacar o ministro Müller...

Creio que S. Ex. já teria caido no ridiculo se não fossem os seus trinta anos de jornalismo. Comtudo aconselho ao sr. coronel Medeiros, que apozente a sua pena caduca. Assim poderá evitar que a garotada irreverente e ruidoza assobie á sua passajem...

Será bom evitar o ridiculo.

Albino Dias.

CANTOS SOCIAIS

Filhos do povo

Filhos do povo sofreis em extremo,
Lenta sgonia, sem luz e sem ar,
Mais vale o esforço dum ato supremo,
Se a vida é pena, mais vale lutar!

Esse vil mundo que atroz vos consome,
Sobre esses hombros, despotico está,
Lançai-o á terra, matai-o de fome,
Força suprema, que o braço vos dá.

Ah!
Revolução,
Abre o porvir,
A exploração
ha de sucumbir!
Levanta-te, povo leal,
Ao grito de Revolução Social!

Ação, ação,
Não pedir leis,
Valor e união,
Que livres sereis.
Tomai de vez,
O bem estar,
Contra o burguez,
Lutar! Lutar!

Quando num gesto viril, soberano,
Numa revolta d'anteu produtor,
Dissipe o homem neblinas de engano,
Retome a terra, repila o senhor.
Sobre os escombros a livre comuna

Ah!
Revolução,
Abre o porvir,
A exploração
ha de sucumbir!
Levanta-te, povo leal
Ao grito de Revolução Social!

Ação, ação,
Não pedir leis,
Valor e união,
Que livres sereis.
Tomai de vez,
O bem estar,
Contra o burguez,
Lutar! Lutar!

A REDUÇÃO DAS HORAS DE TRABALHO

Grande reunião no Centro Cosmopolita

Convindo encetar quanto antes uma intensa e enerjica campanha afim de forçar a classe patronal a cumprir a lei que estabelece as 12 horas de trabalho e descanso semanal, convoca-se todas as classes componentes do C. Cospmoolita, para uma reunião que se realizará na proxima segunda-feira, 7, ás 9 1|2 horas da noite na séde do Centro, á rua do Senado. 215 - 217

Essa reunião será o inicio da grande luta preste a ser estabelecida a favor das 12 horas e descanso semanal·

Que ninguem falte!

Todos ao comicio!

A Circular do Prefeito

O sr. Prefeito do Dirtrito Federal, tomando em consideração a reprezentaçãs que lhe dirijiu o Centro Cosmopolita, rezolveu enviar aos ajentes municipais a circular, que a seguir transcrevemos, recomendando-lhes o ezato cumprimento da lei municipal que regula as horas de trabalho das classes componentes do Centro. Ei-la:

«O sr. Prefeito do Distrito Federal, tomands em consideração o pedido que lhe foi prezente pelo Centro cosmopolita (sociedade Humanitaria e de Colocação dos Empregados em hoteis, Botequins, etc.) manda chamar muito especiamente vossa atenção para as dispozições contantes dos arts. 99, 102 e 106 da lei n. 1726, de 31 de Dezembro de 1915, abaivo transcritos:

Art. 99. — Oo estabelecimentos que funcionarem além das 12 hora prescrita terão turmas de empregados, que não poderão trabalhar mais de 12 horas.

Art. 102. — Os negociantes que tiverem turmas de empregados são obrigados a comunicar ao respetivo Ajente da Prefeitura o nome e o nnmero destes, as respetivas rezidencias, participando ao mesmo no prazo de cinco dias qualquer alteração, sob pena das multas e penalidades da prezente lei.

Art. 106. — As infrações das dispozições refentes ao fencionamento das cazas de negocios serão punidas com a multa de 500$, que será elevada ao dobro nas dencias.»

Por um capricho do acazo, cabe-nos traçar estas linhas ezatamente na data em que no remoto ano de 1886, os companheiros norte americanos empenhavam-se numa luta sangrenta e titanica pela conquista diréta e enerjica das oito horas de trabalho!

Naquela época os trabalhadores norte americanos, tendo adquirido uma percepção bastante esclarecida do papel que o proletariado dezempenha no vasto cenerio da sociedade burgueza. afirmavam, digna e altivamente, frete a frente dos dententores da riqueza social, o seu direito a um talher no banquete da vida.

Concientes do seu direito á vida, como unicos produtores de todas as riquezas, proclamavam com dezassombro no seio das suas associações e nos comicios da praça publica os principios emancipadores do proletariado, remontdo ás orijens do seu mau estar social, desvendavam as cauzas determinantes da iniquidade atual.

Recentemente os tipografos, linotipistas e demais classes anexas, em Montevidéo, conseguiram implantar a jornada de 7 horas, (sete horas, notai bem!) com a dupla virtude de haver sido conquistada pela força pozitiva da organização proletaria, sem suplicas nem reprezentações aos poderes publicos, que quando conseguem obter soluções aparentemente favoraveis, na pratica esterilizam-se no enredo complicado das formalidades burocraticas, produzem sempre um irreparavel mal, qual o de matar no individuo o espirito de iniciatia e a confiança em si mesmo, levaudo-o esperar a sua liberdade da boa ou mà vontade alheia.

Recordámos acima a atitude historica e épica dos trabalhadores norte americanos em favor da jornada de oito horas, que rezultou levar ao patibulo as cabeças dos seus mais convencidos e ardorozos militantes. Todavia nós, os trabalhadores em hoteis, restautants e anexos, decorridoss 31 anos estendemos ainda as mãos descarnadas, com a voz tremula e suplice do mendigo que implora em vão uma mizeravel esmola ao transeunte que passa indiferente: doze horas! doze horas!

Evidentemente somos bem faceis de contentar!

Nós formamos uma idéa muito diversa daquela que a maioria da classe faz acerca da recente circular. Eles esperam muito candidamente, nas bastilhas onde são explorados que o reprezentante da autoridade municipal compareça em cada caza afim de impedir queos patrões o forcem a trabalhar além do limitado pela lei. E nós. muito ao contrario, achamos que a efetivação dos intuitos da circular só será um fato no dia em a classe coletivamente se interessar por isso e não esperar comodamente de terceiros.

Cabe ao Centro Cosmopolita iniciar quanto antes uma ajitação no sentido de levantar o espirito da classe para preparar a rezistencia aos abuzos patronais, realizando continuas reuniões de propaganda conferencias educativas. etc.

Quadros sociais

O PROLETARIO

Madrugada. Densa neblina caia num dia gélido e frio de janeiro, deixando entrever vafamente o lusco-fusco dos candieiros da iluminação publica.

joão Boyel, carpinpeiro, com a sacola da ferramenta ao hombro, seguia rumo da cidade para trabalhar na construção de um gradde e mɐjestozo palacio que um ricaço industrial havia mandado fazer numa das ruas da sombria e severa Londres.

João durante o labor cantava ou dirijia uma piada alegre aos seus camaradas de arduo trabalho.

Todos gostavam dele porque era alegre e rizonho. Mas quanta magua lhe ia n'alma! Que gosto amargo não tinha o rizo quelhe bailava nos labios! Assim fazia para esquecer sua dor, porque tinha cinco filhos pequenos que alimentar e um espoza carinhoza que muito amava, e os poucos vencimentos mal dava para sua subzistencia. Mas com grande e penozo sacrificio ia guiando o barco de sua atribulada vida. pelo mar revoltoto e cheio de escolhos que é a vida do proletario na sociedade burgueza, corruta e putrefata, tão cheia de preconceitos vãos e delituozos.

Passavam-se anos e sempre mourejando no arduo trabalho de carpinteiro, exposto ao sol e á chuva. Quanto mais trabalhava mais dificuldade ia encontrando porque os filhos creciam e precizavam de educação. Então aquele que outrora era alegre e rizonho sentava-se no banco de trabalho, com a cabeça inclinada entre as mãos calozas, ficava mergulhado em pensamentos, deixondo cair torrentes de lagrimas. De subito, levantava-se de punhos cerrados, e em explozões de incontida colera, exclamava: deixai estar esta corja capitalista, o dia do ajuste de conta com os «tubarões do mar humano» hade chegar.!

Mas, eis que vem chegando o inverno da vida a cobrir-lhe a cabeça de cans, e a depauperar-lhe as forças para a vida; como o inverno da natureza que cobre de neve a copa das arvores ezuberantes de viço, e os galhos nus das que lhe não resistem.

E eutão velho alquebrado e sem forças para o seu arduo trâbalho, passava miseravelmente. O salario, que o filho mais velho ganhava, mal dava para pagar o aluguel do cazebre que habitava no bairro operario de Londress, onde a miseria é conhecida no lar dos que tudo produzem se ouve e constante tinir de taças de champgne que se chocam nas mãos dos lords, em regozijo de uma boa operação na Bolsa.

João Boyel, desculpava-se como podia quaudo o autoritario senhorio lhe batia á porta, ezijindo o aluguel do misero cazebre. E o arrogânte senhorio, com o gesto comum aos potentados dizia-lhes: não foram desculpas que eu vim aqui bdscar!» João, com a voz entrecortada de lagrimas, triste lhe dizia: «não tenho dinheiro, peço que espdre mais uma vez.

João em vão suplicava. O senhorio acobertado pela lei, qve só aos ricos proteje, ameaçava-o com a rua; João olhando para a sua companheira de infortunio, deixava caír os braços depauperades. Como não tinha mais vigor para trabalhar no seu odio, e precizava de subsistenciã para si e para os seus, fez-se vijia de um Banco.

Exposto á chuva e ao frio estava sempre vijilante, como uma sentinela, á larga e iluminada porta do Banco que nas trevas da noite mais parecia uma boca enorme sempre aberta para absorver a vida, a saude e o sengue do proletario, representado no «sonante e vil metal», que a burguezia capitalista acumula para escravizar o operario inconciente, e daí a exploração do homem pelo homem.

João, mal se podia abrigar das chuvas que caiam, porque não lhe era dado penetrar no interior do edificio, e como a sua edade era nm tanto avançada contraiu uma doença que o levou ao leito; e ainda não tinha decorrido uma sumana, morria cercado dos seus, maldizendo esta sociedade putrefata. E assim se fiinou o pobre João, vitima do costante vijia, com zelo e dedicação, o Banco cujos cofres guardavam aquilo que o fazia vitima.

Santos Cruz.

AOS LEITORES

A apóz um breve periodo de interrupção reaparece hoje „O Cosmopolita'', disposto a prosseguir intemerato na propaganda dos principios de emancipaç ão humana, fustigando os abuzos, stigmatizando a exploração, combatendo o erro e o preconceito, realizando em suma uma obra de cultura e combate, modestamente embora, na escassa medida dos recursos itelectuais daqueles que, não por uma vã preopacução ezibicionista, colocaram-se á sua frente afim de concorreremcomo seu grão deareia para a grande obra de comum emancipação.

O seu breve dezaparecimeto da arena onde se travam as justas laboriozas e fecundas pelas eivindicações proletarias, explica-se pela necessidade de serem tomada medidas tendentes a tornarestavel a sua ezistencia e regularizar a sua publicação. Para esse fim o Grupo Editor rezolveu adquirir o material tipografico necessario confeção. Adquirido este e refundida a organização do Grups Editor, retomamos a nossa tarefa cada vez mais compenetrados da necessidade de elevarmos bem alto as nossas aspiraçes de bem estar e liberdade.

O Grupo Editor

O MILITARISMO

Uma vez no rejimento cessam de funcionar todas as molas da resistencia moral. A personalidade desaparece.

O homem dezagregado do cazal, separado do par, é apenas um individuo mutilado do seu todo perfeito, fisiologica e socialmente.

Abdica do nome, e passa a não ser na sociedade mais do qne um algarismo. Era o carpinteiro João da Isabel—um cidadão, principia a ser o 39 da la. Um soldado.

Era obrigado a ganhar uma renda de casa, dois ou tres jantares para si, para sua mãe e irmã, começa a não precisar de ganhar cousa nenhuma.

O estado encarrega-se de ganhar por ele, de distribuir o ganho, de gerir, de poupar, de economizar, de refletir e de pensar.

O soldado póde dar um nó cégo na sua intelijencia e pregal-a com um parafuso no casco da barretina, porque não torna a precizar dela senão no dia em que o pozerem ontra vezá porta da caserna com quinze dias de «pret» no fundo da aljibeira e com um tubo de lata a tiracolo com a baixa dentro.

Até esse dia, o Estado faz-lhe a cozinha e dá-lhe em cada dia um pão e duas marmitas com caldo, uma de manhã, e outra à tarde. O Estado veste-o e calça-o. Encarrega-se-lhe tambem da honra, da dignidade, do brio: o brio a dignidade, a honra para ele ficou sendo um pedaço de seda azul e branca com as armas reais bordadas no centro entre uma corôa de carvalho. Esse é o simbolo pelo qual ele deve sacrificar-se e morrer

O Estado dá-lhe egualmente os modos, os gostos, as maneiras — maneiras uniformes, como as de todos os demais numeros do rejimento, pantadas á regua, medidas à fieira, certas, firmes, automaticas impostas á chibata pelo sarjento instrutor, na escola de recrutas.

Uma simples corneta substitue para todos os efeitos a aplicação da sua vontade a todas as suas ações. Essa corneta toca a levantar, toca a deitar, toca a comer, toca a lavar a cara, toca a andar, depressa, toca a andar de vagar, toca a correr, toca a ficar parado, toca a sentar-se, toca á fachina e toca ao silencio.

O soldado completamente imbecilizado pela disciplina, deixa de ser um homem, é ainda menos do que um animal; não passa de uma pura maquina de obediencia, a que se dá corda todos os dias pela manhã, soprando num clarim.

Ramalho Ortigão.